

REESTRUTURAÇÃO URBANA E CENTRALIDADE EM BRAGANÇA PAULISTA-SP¹

Apresentação

Temos como interesse principal em nosso trabalho de pesquisa o processo de reestruturação urbana da cidade de Bragança Paulista – SP, localizada no Sudeste do Estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira.

Tomamos como objetivo central em nossa pesquisa a compreensão das relações existentes entre a morfologia urbana que aponta para os processos de reestruturação urbana e de formação de novas centralidades a partir da escala intra-urbana da cidade de Bragança Paulista – SP. Com a intenção de analisar, compreender e também de propor novos questionamentos acerca das permanências e transformações da cidade, que identificam conseqüências e tendências do processo de reestruturação urbana, destacaremos que nossas reflexões encontram-se alicerçadas na tríade *reestruturação - centralidade - morfologia*, conceitos fundamentais para a compreensão dos estudos urbanos que nos servirá de ponto de partida para a discussão.

É impossível tratar de reestrutura sem antes falar de estrutura. O conceito de estrutura segundo Sposito (2004) diz respeito a um momento do processo de estruturação, a forma como se encontra e se articulam os usos do solo em um determinado momento. Segundo a autora a estruturação da idéia de processo, fenômeno este responsável pelo desenvolvimento de formas produtivas. Tais posicionamentos vão de encontro com o que afirma Padilla (1978):

A estrutura não é um instrumento analítico que sirva para conhecer a realidade, é a realidade conhecida em um dado momento histórico e conceitualizada a um dado nível de abstração. (PADILLA, 1978. p. 8.)

Relacionado com a opinião de Carlos (1994), para quem a estrutura representa a:

[...] expressão do estágio de desenvolvimento das formas produtivas em que a concentração espacial dos recursos corresponde a uma necessidade ditada pela exigência da acumulação. (CARLOS, 1994).

Podemos dizer que, a nível didático, há uma distinção na terminologia “estruturação”, que dá a idéia de que as estruturas estão em constante mudança, o que realmente acontece devido às alterações nos modos de desenvolvimento vigentes. A

¹ Eixo temático 5: Dinâmica Urbana.

expressão estrutura urbana dá ênfase nos processos urbanos como um todo, já a estrutura da cidade² prioriza as formas, a morfologia da cidade.

Em se tratando da reestruturação Sposito (2004) diz que trata-se de um termo que deve ser utilizado afim de se fazer referência aos períodos em que é vasta e profunda a adaptação das mudanças que orientam os processos de estruturação urbana e das cidades. Sendo a reestrutura urbana, termo mais adequado para se tratar das dinâmicas mais recentes nos âmbitos regionais ou referentes às redes urbanas e a reestruturação das cidades, segundo a autora, é o termo mais compatível às análises dos espaços da cidade, ou seja, do intra-urbano.

A postura de Soja (1993) em relação à reestruturação é a de que ela está arraigada à crise, trata-se de uma mudança estrutural necessária, pois a ordem anterior não mais explica o presente. Ou seja, não representa um processo mecânico e sim um processo indispensável para o continuo desenvolvimento da produção urbana da cidade. Essa é a abordagem por nos adotada e que serve de base para a conceituação do processo de reestruturação por outros autores.

Para Whitacker (2003), o conceito encontra-se referente ao processo de articulações dinâmicas das localizações, que alteram uma situação preexistente num momento atual. Segundo o autor essa reestruturação apresenta-se em dois níveis: 1) na organização e reorganização dos espaços da produção e do consumo da cidade e 2) nos símbolos, signos e sinais comercializados pela e na cidade. Whitacker (2003) também assevera que o processo de reestruturação urbana se encontra alicerçado nas escalas intra-urbana e interurbana, e é justamente neste ponto que os autores aqui citados entram em um maior consenso, o que faz com que se amplie a escala, tratando-se, pois a nível local, regional e nacional, já que lidamos atualmente com cidades que modificaram seus papéis ao longo da história, articulando suas dinâmicas sócio-espaciais para além da hierarquia urbana existente e alcançando assim relações a níveis globais.

É fundamental tomar ciência de que tais definições estão, bem como os fenômenos urbanos, em constantes processos de transformações a fim de atender e dar conta de elucidar as questões que envolvem as dinâmicas urbanas atuais, cujo tom é atribuído aos papéis da sociedade em suas diversas atividades do ponto de vista econômico, político, social e cultural. Sendo assim a cidade e seus espaços tem seu caráter modificado a fim de atender as novas demandas, uma dessas transformações esta diretamente relacionada ao centro e a centralidade urbana conceitos que ganham novo lócus dentro na realidade da cidade.

O segundo conceito importante para a fundamentação de nossas idéias é o de centralidade, que por sua vez não pode ser explicado sem o seu par dialético centralização-descentralização. Para a compreensão do conceito de centralidade vamos, em primeira instância contrapô-lo ao de centro.

² É importante deixar claro que essa distinção feita entre as definições, estruturação urbana e da cidade e reestruturação urbana e da cidade, são propostas pela autora, em seu trabalho, não com um caráter definitivo, pois tratam-se de expressões meramente ilustrativas com o intuito de facilitar a compreensão. Ver particularmente: SPOSITO, M. E. Beltrão. **O chão em pedaços:** urbanização economia e cidades do estado de São Paulo. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2004.

Sposito (2004) destaca em seus estudos que o centro constitui-se por um processo de centralização de atividades, ou seja, de convergência de elementos aglutinadores que demandam a concentração de fatores fundamentais (comércio, serviços, gestão pública e privada, lazer e valores materiais e simbólicos) para a manutenção da sociedade em um espaço determinado. Já Whitacker (2003) compreende o centro como perenidade, ou seja, com um caráter de expressão territorial. Segundo o autor os centros (e sub-centros) fazem parte de uma concentração localizável e localizada na cidade.

Em se tratando de centralidade urbana é importante ressaltar antes de tudo, que o seu conteúdo individualizado encontra-se presente nas mais desiguais constituições sócio-espaciais. Dentre as várias interpretações desse termo vamos aqui nos ater a algumas delas.

A escola de Chigado possui três formulações acerca do tema centralidade, as quais são: teoria das zonas concêntricas (Burgess), teoria das zonas (ou dos setores de Hoyt) e teoria dos núcleos múltiplos (de Lui e Ullman). A teoria das zonas concêntricas compreende o desenvolvimento da cidade a partir de uma área central na qual a forma urbana ganha lugar de destaque nos processos sociais. A teoria das zonas (ou setores) surge como adaptação da teoria anterior, na qual existiria uma especialização funcional e social da cidade a partir de eixos radiocêntricos, tendência essa marcada pelo novo papel dos espaços de habitação na lógica locacional o que altera os espaços intra-urbanos da cidade. E por fim, a teoria dos núcleos múltiplos que propaga a alteração dos modelos anteriores pelo padrão celular dos eixos, criando assim vários núcleos o que intensifica os processos de centralização e descentralização.

Na concepção de Lefebvre, a centralidade abrange várias escalas, organizando e articulando a cidade em redes de produção a nível intra-urbano e interurbano. Então podemos dizer que a cidade também é sendo ela possuidora de estruturas morfológicas e sociológicas, um lugar com conteúdo social repleto de símbolos e representações. Segundo o autor:

A centralidade constitui para nós o essencial do fenômeno urbano, porém uma centralidade considerada junto com o movimento dialético que a constitui e a destrói, que cria ou que extingue. (LEFEBVRE, 1999. IN: WHITACKER, 2003. p. 135)

De acordo com Whitacker (2003), a centralidade esta alicerçada na concepção de fluxos, que são implementados pelas comunicações e telecomunicações, e acabam definindo sua compreensão de forma mais abrangente que a própria localização. Sendo assim a centralidade estaria ligada a fluidez, diferenciando-se do centro que, por sua vez, está ligado à perenidade, ou seja, a durabilidade e rigidez existentes nos espaços da cidade. Assim sendo, no ponto de vista do autor a centralidade é expressão da dinâmica e dos fluxos no interior da cidade.

A expressão territorial dessa centralidade, atualmente se apresenta cada vez mais fragmentada, tanto em nível intra-urbano quanto interurbano, devido ao rearranjo do centro tornando-se mais funcional. A cidade então se redesenha, pois nota-se uma elevada expansão do seu tecido urbano acarretada pelo maior desenvolvimento do transporte automotivo ao longo dos anos. É percebido também um aumento na intensificação da circulação dentro e fora da cidade, em diferentes representações

(circulação de pessoas, informações, mercadorias, idéias e símbolos) o que caracteriza o aspecto fluido da cidade. Em contrapartida a cidade se fragmenta, mas não aleatoriamente como que por acidente, mas intencionalmente engendrada por um processo duplo, as mudanças no comportamento das empresas e a instituição da propriedade privada da terra, esta última seguida fortemente pela especulação imobiliária.

O que temos então é a criação de novas formas e funções aos espaços, bem como novas funções a formas já existentes num processo de adequação e inadequação as novas dinâmicas impostas. O que segundo o entendimento de Whitacker (2003), se define como a existência de:

[...] novas e velhas formas convivendo com novos e velhos usos, mas num certo descompasso entre a rigidez das formas e o uso cambiante dos fluxos, que são cada vez mais dinâmicos e dinamizadores, e, às vezes, há o contrário, ou seja, uma ausência de fluxos (WHITACKER, 2003. p. 139-140).

Tal abordagem explicita muito bem a expressão atual do âmbito urbano, no qual as novas dinâmicas sócio-espaciais e as demandas do processo produtivo transformam a cidade e suas formas, bem como a sociedade e seus hábitos, consumos, modos de ser e de entender o mundo.

Em se tratando de morfologia urbana, é salutar destacar que o conceito de morfologia abarca muito mais do que é compreendido em relação ao termo morfologia, no qual ultrapassa a forma e vai além da extensão urbana. Sposito (2004) nos aconselha a considerar em nossos estudos não só a forma em si, mas a ocupação das construções e o processo de seu desenvolvimento, levando em conta os conteúdos para além das aparências.

No viés de Capel (2002) a morfologia refere-se ao espaço construído e reflete a organização econômica, social e política, sendo assim um conceito inerente ao da estrutura urbana. Notamos que as proposições de Capel (2002) e Sposito (2004) vão de encontro com a de Carlos (2001), no fato de ambos compreenderem a morfologia como um conceito amplo e representativo no processo de estruturação urbana e da cidade e que permeia relações espaço - temporais, pois consideram que o tempo atual impresso na forma da cidade dialogam com os tempos inerentes a forma existentes nos hábitos da sociedade produzindo assim espacialidades, pois, como assevera Carlos (2001), tais temporalidades dizem respeito a uma história humana como realização da vida no espaço e através dele.

A constituição das formas urbanas vem se alterando ao longo dos tempos devido a redefinições no tecido interno das cidades. Com isso, podemos citar aqui alguns elementos constitutivos para o desenvolvimento de novas morfologias urbanas que acabam por redefinir a relação centro-periferia.

No viés de Sposito (2004) o primeiro deles trata da instalação de grandes conjuntos habitacionais, com diferentes níveis de infra-estrutura que vêm com o intuito de criar uma solução para a moradia da classe média baixa. Juntamente com esses empreendimentos surgem os equipamentos comerciais e de serviços para o atendimento do consumo imediato. O segundo diz respeito a instalação de cidades satélites que vem

como uma solução aos altos preços imobiliários, podendo gerar duas tendências, a de desconcentração urbana, e a de manutenção do padrão de planejamento urbano. E por fim, o terceiro elemento fala da abertura de novos loteamentos urbanos para a classe média e média alta, trazendo consigo idéias como, viver dentro e fora das cidades (neo-villages), de segurança e distinção social (loteamentos fechados), e de segunda moradia, associada ao lazer (loteamentos e chácaras).

Essas novas formas de habitat estão sendo interpretadas de diversas formas, como processo de desurbanização, desmetropolização entre outros que alteram a relação centro-periferia. É importante ressaltar que esses fenômenos não são restritos apenas as formas de habitat, mas também são direcionados para as formas produtivas.

Para se pensar em reestruturação produtiva é preciso analisar outros termos relacionados ao processo de acumulação do capital e para tanto vamos nos ater aos estudos realizados por Lencioni (1999). Para a autora o processo de valorização do capital cria novas formas de reprodução do mesmo, o que muitos denominam de produção flexível³. Sendo assim, no seu entendimento, não somente a atividade industrial sendo reestruturada através dessas mudanças, mas inclusive a imagem que ela possui o que a torna pedra angular na organização geral do processo industrial⁴. Nesse sentido a autora define desconcentração produtiva da seguinte maneira.

A desconcentração produtiva e a expansão do sistema financeiro, constituindo-se um único mercado mundial de valores e crédito, inscrevem a hegemonia dos fluxos imateriais em várias direções e sentidos, em que as sedes supranacionais das empresas se situam em algumas metrópoles, as chamadas cidades globais, e regionalizam o comando da acumulação mundial. A produção se desterritorializa para produzir e reproduzir tanto condições locais como condições globais de acumulação capitalista (LENCIONI, 1999. p. 178).

Já Santos (1994) compreende esse processo como um processo de involução metropolitana, que diz respeito a um fenômeno paralelo e interdependente de um crescimento regional mais importante que o da metrópole e da tendência a uma melhor qualidade de vida no interior. O que, segundo o autor, não significa que a Região Metropolitana de São Paulo, no caso estudado, não cresça, mas em relação ao estado e ao país ela tem crescido pouco⁵.

Ambos os autores asseveram que essa tendência acontece devido a dois fatores: 1) a desintegração vertical ou desconcentração industrial, que significa que as fases de um processo produtivo não se encontram mais integradas em uma mesma empresa; e 2) subcontratação ou terceirização, que diz respeito ao repasse de parte do processo produtivo para outras empresas e que é específica do atual momento histórico.

³ Ver particularmente HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

⁴ LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 178.

⁵ SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 54.

Santos (1994) acrescenta mais um fator a esta lista, o da modernização da agricultura, ressaltando o desenvolvimento industrial do interior a propósito do qual o autor acredita que:

O interior se terciariza, graças à expansão do setor público e da agricultura moderna, levando a maior necessidade de emprego ligado à esfera da circulação (também no setor industrial) e sugerindo um mais alto teor de trabalho intelectual necessário, tanto na produção como na regulação da atividade produtiva. Nesse sentido, há desconcentração de empregos de qualidade em relação a Capital e a Região Metropolitana (SANTOS, 1994. p.65).

Assim sendo, podemos compreender através da reestruturação produtiva e urbana que esses dois processos interagem entre si permeando as configurações internas e externas da cidade, influenciando em todas as áreas de atuação do capital, criando assim novas dinâmicas econômicas e territoriais que modificam a relação espaço-temporal, não somente da cidade, mas também de seu entorno, sua rede atingindo escalas diferenciadas no contexto econômico, político, social e cultural.

É nesse viés que o processo de reestruturação urbana está inserido, ou seja, no processo de produção do espaço como um todo, fazendo parte constituinte no cerne da acumulação do capital. Segundo Soja (1993) a reestruturação deu-se início logo no período de crise mundial enfrentado na década de 1970, que interromperam o até então crescimento econômico posterior a Segunda Guerra Mundial⁶. Tais mudanças em escala global interferiram na dinâmica econômica e espacial urbana redefinindo áreas como o centro das cidades e aumentando a participação do setor terciário e do comércio de uma forma geral.

Portanto, podemos dizer que, essas novas dinâmicas devem ser pensadas, antes de tudo, como novas formas produtivas que alteram as formas urbanas e a relação e definição do centro-periferia, criando novas espacialidades e temporalidades, modificando as morfologias inerentes ao assentamento urbano em todos os níveis da sociedade, abarcando assim os espaços em suas mais diferentes escalas.

Fundamentação teórica e metodológica

Começamos a coleta de dados primeiramente na Prefeitura Municipal. Junto a esse órgão, obtivemos os seguintes materiais cartográficos: mapas de abairramento, viário, de regiões administrativas, de macro zonas urbanas, de zoneamento urbano e mapa base do município e o cadastro de atividades econômicas. E em visita a sede da CIESP obteve-se a listagem de atividades econômicas do município, bem como o ramo de atividade, o endereço e outras informações úteis à investigação.

Pelo site da prefeitura tivemos acesso ao: código de urbanismo, plano diretor e legislação urbana do município, mapas de zoneamento urbano, malha urbana e malha

⁶ SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

viária, total de indústrias do município e histórico básico. Através do acesso em outros sites também pudemos obter a relação de indústria do município (SEADE), dados relativos ao PIB, saúde, emprego, educação, produção industrial e agrícola, comércio e serviços coletivos (IBGE) e código da classificação das empresas (CNAE).

Todos esses dados obtidos são de extrema importância, pois será através da análise e do tratamento deles que teremos uma maior compreensão da dinâmica econômica e urbana da cidade de Bragança Paulista o que nos fará avançar na pesquisa e obter novas informações a respeito do tema em questão.

Contribuições e Perspectivas

Até o presente momento podemos compreender através dos dados adquiridos que a dinâmica urbana da cidade de Bragança Paulista – SP mostra-se muito interessante o que nos motiva a avançar nas investigações e buscar a compreensão do processo de reestruturação urbana vigente nessa porção do espaço.

Podemos também através de novas leituras associar o que acontece no âmbito intra-urbano da cidade com dinâmicas em curso nas regiões e cidades vizinhas. São estudos que envolvem e discutem os processos de desurbanização, desmetropolização e desconcentração da metrópole paulista.

Para obter uma melhor e real compreensão de tais conceitos e processos vamos nos ater aos estudos realizados por Lencioni, *Região e geografia* (1999) e outros escritos da autora em revistas e artigos como a *Espaço & Debates*, bem como a análise de pesquisadores como Milton Santos, *Por uma economia política da cidade* (1999), Manuel Castells, *Local e global* (1997) e Márcio Pochmann, *Reestruturação produtiva*, (2004). Outras leituras serão introduzidas durante o andamento da pesquisa e entre a obtenção e tratamento de novos dados, a fim de responder algumas questões já existentes e outras que poderão surgir ao longo do processo de investigação. São a princípio as seguintes obras: Eliseu S. Sposito, *Filosofia e geografia*, Roberto Lobato Corrêa, *Trajétórias geográficas* entre outros.

Em se tratando das perspectivas para a pesquisa podemos dizer que os dados estarão sendo analisados e tratados a fim de que possibilite uma maior compreensão do tema em questão e o avanço em alcançar os objetivos traçados no início da pesquisa ou até mesmo ir além desse alvo previamente determinados e nos levar a um maior nível de entendimento.

As estratégias traçadas a fim de alcançar tais objetivos e ir além ao conhecimento dos conceitos para uma profunda compreensão dos processos urbanos envolvidos, buscaremos adotar os procedimentos metodológicos descritos nas seguintes etapas. A saber:

1. Primeiramente estaremos focados em complementar os dados de atividades econômicas contrapondo-os a outros níveis escalares (regional, estadual e nacional), isso através da comparação de dados do

Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comercio Exterior, e implementá-la através da Classificação Brasileira de Ocupações (RAIS/CBO).

2. Em segundo momento acrescentar a listagem de serviços de uso coletivo os dados absolutos e os percentuais de cada item mencionado, dados de pessoal ocupado por ramos de atividade e dados referentes à produção.
3. Essa etapa será acompanhada de aplicação de questionários junto às empresas e comércios da cidade, bem como da tabulação dos mesmos e da confecção de material fotográfico.
4. Concomitantemente, buscaremos confeccionar gráfico e tabelas para uma melhor organização desse tipo de informação com o intuito de facilitar a comparação com outros dados criando assim um banco de dados com diferentes informações e funções. Procuraremos também produzir materiais cartográficos suficientemente adequados para localização das áreas estudadas.
5. Após isso estaremos preocupados em buscar fontes bibliográficas, bem como imagens e dados que nos ajudem a formar um perfil histórico do município de Bragança Paulista, para que desse modo possamos contrapor-lo a realidade atual analisada. Essa etapa será cumprida através de visitas aos acervos da Câmara Municipal e do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH).
6. Por fim nos concentraremos na realização de últimas leituras, necessárias para suplementar a confecção dos capítulos que farão parte do corpo da dissertação, e ao mesmo tempo a execução da redação.

Desse modo, trabalharemos para alcançar do objetivo principal em nossa pesquisa, o processo de reestruturação urbana da cidade de Bragança Paulista – SP, localizada no Sudeste do Estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira bem como dar conta de compreender as relações existentes entre a morfologia urbana que aponta para os processos de reestruturação urbana e de formação de novas centralidades a partir da escala intra-urbana da cidade.

Referências Bibliográficas

CAPEL, Horacio. La morfología de las ciudades. Barcelona: Los libros de la frontera, 1983. In: SPOSITO, M. E. Beltrão. **O chão em pedaços: urbanização economia e cidades do estado de São Paulo**. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2004.

CARLOS, A.F.A. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001a.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Humanistas; 2002.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica, tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SPOSITO, M. E. Beltrão. **O chão em pedaços: urbanização economia e cidades do estado de São Paulo**. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2004.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto - SP**. (doutorado em geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, 2003.

